

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO, AUTORIA E ÉTICA A PARTIR DE TRADUÇÕES DE “HILLS LIKE WHITE ELEPHANTS” DE ERNEST HEMINGWAY

Bianca REYS⁹⁹
Valéria Silveira BRISOLARA¹⁰⁰

RESUMO: A tradução, enquanto intervenção cultural, tem ganhado cada vez mais importância no cenário contemporâneo, em que eventos sociais, culturais e políticos adquirem proporção global e, paradoxalmente, em que práticas visam à preservação do individual e do local. Nesse cenário contemporâneo, após os avanços dos Estudos da Tradução, a tradução deixa de ser vista como uma mera transposição de palavras, passando a ser reconhecida como uma prática social historicamente situada e inserida em um sistema cultural complexo (EVEN-ZOHAR, 2012). Ao se analisar a prática da tradução, é possível notar que ela carrega consigo alguns dilemas: O que traduzir? Como traduzir? Para quem traduzir? Ao tomar uma determinada obra carregada de aspectos culturais, o tradutor pode optar por um, dentre vários caminhos possíveis. No entanto, cada caminho leva a escolhas diferentes, que configuram a tradução como uma prática autoral com implicações éticas. Dessa forma, é importante reconhecer o papel de autor desempenhado pelo tradutor através de suas escolhas, já que a tradução não se trata de uma equivalência textual, mas, sim, de uma prática social situada que atua não só mediando, mas também criando cultura. Assim como as concepções de autoria são intimamente ligadas a fatores sociais, históricos e culturais, sendo a autoria um construto, as concepções de tradução também o são. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é propor reflexões sobre a responsabilidade do tradutor, na sociedade contemporânea, como mediador cultural pelos efeitos da recepção de seus textos. Reforça-se que a tradução constrói cânones, literaturas e culturas; pode tanto levar o leitor até a cultura de origem, quanto trazer a cultura de origem até o leitor (VENUTI, 1995). Não só isso, a tradução também auxilia no desenvolvimento de literaturas, de sociedades, estabelece novas ideias, novos gêneros, novos padrões, e edifica o poder de uma cultura sobre outra, como pode, até mesmo, silenciar uma cultura.

Palavras-chave: autoria, tradução, cultura, ética.

ABSTRACT: Translation, as cultural intervention, is gaining great importance in the contemporary scenario, in which social, cultural and political events acquire global proportion and, paradoxically, in which practices aim at the preservation of the individual and the local. In such contemporary scenario, after the advances of Translation Studies, translation is no longer seen as a mere transposition of words, becoming recognized as a historically situated social practice inserted in a complex cultural system (EVEN-ZOHAR, 2012). Analyzing translation as a practice, it is possible to note that it faces dilemmas: What to translate? How to translate? For whom to translate? When dealing with a certain work full of cultural aspects, the translator can choose one, among several possible paths. However, each path leads to different choices, which characterizes translation as an authorial practice with ethical implications. Thus, it is important to recognize the authorial role played by the translator through his/her choices, since translation is not a textual equivalence, but a situated social practice that acts not only mediating, but also creating culture. As conceptions of authorship are intimately connected to social, historical and cultural factors, and authorship can be perceived as a construct, so are the conceptions of translation. In this context, the objective of this article is to propose reflections on the responsibility of the translator, in contemporary society, as a cultural mediator by the effects of the reception of his/her work. It is relevant to highlight that translation creates canons, literatures and cultures, as it can either take the reader to the culture of

⁹⁹ Licenciada em Letras. Especialista em Estudos da Tradução. Mestranda em Letras na UniRitter, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: bianca.reys@yahoo.com.br

¹⁰⁰ Bacharel em Letras-Tradução. Doutora em Letras. Professora do Curso de Letras e do PPGL do UniRitter.

origin or bring the culture of origin to the reader (VENUTI, 1995). Not only that, translation also assists in the development of literatures and societies, establishes new ideas, new genres, and new standards, builds the power of one culture over another, and it can even silence a culture.

Keywords: *authorship, translation, culture, ethics.*

INTRODUÇÃO

A noção de tradução como intervenção cultural tem ganhado cada vez mais destaque no cenário contemporâneo com eventos sociais, culturais e políticos adquirindo proporção global devido à tecnologia. Ao se analisar a prática da tradução, é possível notar que ela carrega consigo alguns dilemas: O que traduzir? Como traduzir? Para quem traduzir? Sabe-se que obras carregadas de aspectos culturais levam o tradutor a optar por um dentre vários caminhos possíveis. No entanto, cada caminho leva a escolhas diferentes, configurando a tradução como uma prática autoral com implicações éticas inevitáveis.

Essas implicações éticas dos atos autorais são discutidas por Burke (2011) ao propor um retorno às formulações de Barthes, Foucault e Derrida sobre a autoria. Nesse contexto, este artigo propõe reflexões sobre a responsabilidade do tradutor, como interventor cultural, na sociedade contemporânea. Pelos efeitos na e da recepção de textos, considera-se a tradução não mais como um exercício de busca de equivalência textual, mas como uma prática social e cultural situada que atua não só mediando, mas também criando cultura.

A fim de atingir os objetivos propostos, inicia-se oferecendo um panorama do desenvolvimento do conceito de autoria para, posteriormente, relacionar autoria e tradução. A seção seguinte estabelece relações entre tradução e ética, refletindo sobre os impactos que a tradução causa. Todas essas formulações são utilizadas como substrato teórico para analisar alguns fragmentos de traduções para o português do conto “*Hills like White Elephants*” de Ernest Hemingway, a fim de discutir a articulação das noções de tradução, autoria e ética.

TRADUÇÃO E AUTORIA

A tradução é uma prática social historicamente situada e inserida em um sistema cultural complexo (EVEN-ZOHAR, 2012) no qual o tradutor e o autor ocupam espaços diferenciados. Raramente pensa-se no tradutor também como autor. No entanto, é importante reconhecer o papel de autor desempenhado pelo tradutor através de suas escolhas. Assim como as concepções de autoria são intimamente ligadas a fatores sociais, históricos e culturais, sendo a autoria um construto, as concepções de tradução também o são.

Foucault explica que essa concepção de autor veio de tempos remotos, nas narrativas ou epopeias dos Gregos que

destinavam-se a perpetuar a imortalidade do herói, e se o herói aceitava morrer jovem, era para que a sua vida, assim consagrada e glorificada pela morte, passasse à imortalidade; a narrativa salvava esta morte aceite. (2011, p.54)

Talvez tenha partido dessa concepção de que as obras são uma forma de eternizar o sujeito — noção que teve bastante força até pouco tempo — dando, então, grande ênfase à importância do autor. Foucault ainda cita como esse sujeito começou a ganhar notoriedade por intermédio da “exegese cristã quando esta queria provar o valor de um texto através da santidade do autor”. (2011, p.62). Casanova (2002) afirma que a literatura representa uma

nação, o que fez com que se exaltasse a figura do autor, pelo intuito de elevar a posição dessa nação e engrandecer o sentimento de patriotismo. Consequentemente, foi necessário, também, inculcar valores, “juízos e representações” nesse indivíduo (CASANOVA, 2002, p.31). Com isso, então, veio o conceito de crédito — vindo do latim *credere*, como sinônimo de “poder”, “potência”, “autoridade” e “importância” (CASANOVA, 2002, p.32). — no qual o valor também estaria ligado a uma crença. Entretanto, a noção de autoria vai além de uma simples atribuição de valor a um texto. Como Foucault explica, um autor representa “um certo modo de ser do discurso” (2011, p.59). Ou seja, o autor recebe um *status*, e seu discurso ganha importância apenas por “pertencer” a esse autor. Em relação a isso, Barthes já refletia sobre como o autor está conectado, dentro da visão contemporânea, à obra. Imagina-se que o autor surja antes, e “alimenta” o seu texto. Assim, a obra não vive sem o autor — perspectiva que se mantém atual. No entanto, o escritor deve ser visto de outra forma: ele nasce junto com a obra, e assim que se constitui, essa obra se emancipa do seu criador. Por fim, o autor se torna apenas aquele que “escreve” (BARTHES, 2004, p.3), pois a enunciação funciona sozinha, sem a necessidade da figura do autor para ser compreendida. Como Barthes defende, “dar um autor ao texto, é fechar a escrita.” (2004, p.4).

A tradução, por sua vez, depende da relação dinâmica de quem escreve com quem lê o texto, assim como é construída durante a escrita e reconstruída durante a leitura. Santos e Torres lembram-nos que a tradução “possibilita que o leitor de chegada tenha contato com um texto que ele não poderia conhecer em outras circunstâncias” (2012, p.8). Isso ocorre, pois, como as autoras explicam, “o texto traduzido é o lugar onde a cultura do outro é manifestada, ainda que essa manifestação só possa ocorrer nos termos da própria cultura de chegada” (2012, p.10). Essa questão, entretanto, nos leva de volta aos dilemas apontados anteriormente: O que traduzir? Como traduzir? Para quem traduzir? A esse respeito, Içöz questiona se o tradutor também pode

fazer “alguma” mudança no texto fonte? Será que deveria haver algum limite na visibilidade do tradutor, ou na quantidade de informação adicionada ou omitida pelo tradutor no processo de sua tradução? O tradutor pode refletir sobre seu próprio ponto de vista, embora isso não exista no texto fonte, ou será que ele tem o direito de enganar o leitor? O tradutor deve ter a oportunidade de criar o texto completamente?¹⁰¹ (2012)

Ao questionar a respeito da extensão da possibilidade de escolhas do tradutor, o autor relaciona autoria e ética por serem questões que circundam esse campo. Além disso, destaca-se a divergência sobre a existência da figura do tradutor. Como Chesterman comenta em sua entrevista com Baker (2008), embora a neutralidade não exista, acredita-se “que tradutores e intérpretes devam ser fiéis, que não distorçam as mensagens e quebrem as normas prevalentes”¹⁰² (2008, p.10). Chesterman ainda afirmou que tanto as traduções quanto os tradutores nunca podem ser totalmente neutros e objetivos, pois cada ato de tradução envolve uma interpretação (2008, p.10). Assim, a tradução emerge como uma prática autoral e com implicações éticas, pois as escolhas do tradutor produzem um novo texto e um novo autor. Cabe ao tradutor “originar”, “dar identidade”, mas também “responsabilizar-se por”, “autorizar”, “reconhecer” e “ser reconhecido”; uma multiplicidade de instâncias que, ao envolverem o outro, envolvem implicações éticas. A esse respeito, fica o questionamento

¹⁰¹ Todas as traduções são de autoria das autoras. Do original: “[...] the translator can make “any” changes in the source text? Should there be a limit in the visibility of the translator, or amount of information added and omitted by the translator in the process of translation? Can the translator reflect his own point of view, although it doesn’t exist in the source text, or does he have the right to mislead the reader? Should the translator have the opportunity to form the text thoroughly?”

¹⁰² Do original: “Translators and interpreters are trusted to be faithful, not to distort messages in ways that break the prevailing norms.”

proposto por Costa e Silva: “Afinal, será que estamos lendo o que o autor escreveu no original?” (COSTA E SILVA, 2011, p. 21), ou ouvindo a presença do tradutor e de suas escolhas enunciativas?

TRADUÇÃO E ÉTICA

Inicialmente, a noção de ética da tradução se inseria no conceito de fidelidade, mas hoje sabemos que ela não mais justifica ou explica as tomadas decisórias do tradutor. Como mencionado anteriormente, a tradução vai muito além dessas noções básicas. Para Pym (2003), essa fidelidade pode se sujeitar ao propósito da tradução, pois é mais provável de ser definida por um cliente ou um futuro consumidor potencial, do que por qualquer texto de origem ou autor. De acordo com o autor, a fidelidade é apenas uma preconcepção da tarefa do tradutor (2003, p.2), e que de forma alguma se relaciona à maneira como a tradução é concebida nos dias atuais, contribuindo para a desvinculação da noção de fidelidade à ética. Para muitos teóricos, a fidelidade tem relação ao conteúdo do texto. Portanto, não faz mais sentido pensar nessa fidelidade no cenário contemporâneo, em que o texto depende do leitor para ter significado. Há muito mais além do texto e das supostas intenções do autor. O que cabe é perguntar: afinal, a quem o tradutor deve ser fiel? Ao texto original, à intenção do texto, a sua cultura, ao seu cliente ou ao seu editor?

As possibilidades e questionamentos são muitas e passíveis de serem discutidas, pois se por um lado o tradutor tem o texto original a ser traduzido, por outro, há as intenções do seu cliente e mercado. Ou seja, há um grupo de variantes em volta da figura do tradutor contribuindo com a complexidade do processo de desenvolvimento da sua tradução. Entretanto, é preciso perceber a tradução em sua relação com o “outro”, seja um outro autor, um outro texto, um outro leitor, ou mesmo um outro que solicitou a tradução. Isso remete, evidentemente, a questões éticas. Sobre esse tema, Oliveira afirma que:

falar em ética, significa investigar os valores e posturas que orientam nosso pensar e sobretudo nossas ações, no limite determinando aquilo que fazemos ou deixamos de fazer — com base nesses valores e posturas. Assim sendo, entra em jogo necessariamente algum tipo de valoração, daquilo que é bom ou ruim, positivo ou negativo, com suas devidas gradações, até o ponto em que algo é considerado absolutamente necessário ou interdito. (2015, p.75)

Em tradução, essa questão da valoração é comumente vista de forma negativa, tanto porque ou a tradução não alcançou o esperado pelo público em geral, ou por motivos externos ao tradutor. No entanto, é preciso estar atento ao que o tradutor deve ser ético; se em relação ao texto, à mensagem do texto, ou ao que o cliente quer, pois há um conjunto de elementos em volta do tradutor que deve, antes, ser analisado. O que, conseqüentemente, nos leva a outro ponto: o tradutor não deve ser culpabilizado sozinho quando comete um erro; todo o sistema deve ser. Como Pym afirma (2003, p.3), o tradutor é simplesmente visto como o sujeito com a responsabilidade de preencher um conjunto de requisitos, muitas vezes dado a suprir as necessidades de um negócio (geralmente determinado por editoras); percebido como aquele a desempenhar uma função. Contudo, o seu trabalho vai além de preencher requisitos, assim como sua ética vai além do cliente ou mercado. Esses elementos em volta do tradutor devem sempre ser considerados quando se avalia um trabalho de tradução. O tradutor está sozinho em sua tarefa, mas ela não é executada apenas por ele.

Pym também reflete sobre o dever ético do tradutor em seguir a obra original, objetivando levar o leitor ao autor, ao reforçar o papel do tradutor em dar as boas-vindas ao estrangeiro e abrir a cultura-alvo ao estrangeiro (2003, p.5). Oliveira (2005, p. 2)

complementa essa noção afirmando que é preciso também “investigar os relacionamentos mantidos entre a cultura do original e a da tradução no momento em que tal projeto foi desencadeado” (2005, p.160). Afinal, como visto, a ética do tradutor é um construto influenciado por suas decisões com base em todas essas questões.

O conjunto de elementos em volta da ética da tradução é complexo. Santos e Torres afirmam que as traduções merecem mais atenção ao serem avaliadas por conterem elementos culturais e linguísticos diferentes, “pois em uma tradução, essas diferenças devem ser negociadas” (2012, p.9). A esse respeito, Burke defende uma ética da escrita em detrimento de uma ética da autoria (2011, p. 35). Essa ética da escrita estaria relacionada ao pacto estabelecido com o leitor, pois é ele quem irá receber a tradução e decidir o que fazer com ela. Contudo, devemos saber que ao traduzir uma obra pela primeira vez, aquela se torna, de certa forma, o texto fonte na língua traduzida. Ela se torna uma referência da obra, principalmente para os leitores sem consciência sobre o processo tradutório, funcionando como um novo “original”.

A relação entre tradução, autoria e ética, portanto, está no momento em que o tradutor estabelece seu pacto com o autor e o leitor. Afinal, a tradução deve ser situada no momento, pensando em seu leitor atual, mas sem deixar de olhar para trás, para a obra original. E esse pacto, influenciado por questões ou elementos externos ao processo de tradução, contribui na geração tanto da ética quanto da autoria do tradutor, para só então a obra traduzida chegar ao leitor. Dessa forma, a relação se encontra no meio de todos esses elementos acerca do tradutor durante o seu processo de tradução, desde a escolha da obra a ser traduzida, aos pormenores do desenvolvimento da tradução.

ANÁLISES

A linguagem, enquanto modo de expressar a realidade, carrega inúmeras formas de depósitos culturais, tais como o vocabulário. Por isso, a tradução pode encontrar dificuldades, às vezes intransponíveis. Tais dificuldades, geralmente, são associadas a nomes próprios, neologismos, metáforas, lugares, roupas, comida, ecologia, fauna, flora (NEWMARK, 1988, p.95). Para a tradução dessas palavras ou expressões, há basicamente duas opções: a manutenção dos termos na língua de partida, como uma estratégia estrangeirizadora; ou a anulação de características culturais, em uma tendência domesticadora. Santos e Torres, em referência à Venuti (1995), refletem a tradução como uma forma de domesticação, por si só. No entanto, elas destacam a questão da invisibilidade que essa prática causa quando, por exemplo, um texto não provoca estranhamento, apagando a presença do tradutor, mascarando, assim, a “diferença linguístico-cultural existente entre os textos e entre os respectivos leitores” (SANTOS, 2012).

A invisibilidade do tradutor, discutida por Venuti (1995), assombra a prática tradutória por contribuir com o silenciamento da voz do tradutor. Além disso, apagar a presença do tradutor contribui com sua desvalorização na sociedade, ocultando o papel na transformação de uma cultura e sua identidade.

Refletindo sobre essas questões, para este trabalho, foram analisadas três traduções para o português do conto do escritor e jornalista Ernest Hemingway, “*Hills Like White Elephants*”, primeiramente publicado em uma revista, e, posteriormente, como parte da coleção de contos *Men Without Women*, em 1927. A história é desenvolvida num diálogo entre um homem americano e uma garota, como são apresentados no texto. Os dois estão em uma estação de trem quando a garota compara as colinas que enxerga a elefantes brancos. Enquanto esperam pelo trem, ele tenta convencê-la a fazer uma “operação” — comumente relacionada ao aborto. O trecho escolhido para análise se refere à parte em que o casal senta

num pequeno bar. Ambos tinham acabado de receber duas cervejas da atendente quando a garota visualiza um anúncio numa parede. Ela questiona o homem sobre o anúncio, e pergunta se podem experimentar a bebida retratada no tal anúncio. Em seguida, o homem pede à atendente que traga mais duas bebidas. Abaixo, o original de Hemingway:

[...]
The girl looked at the bead curtain. “They’ve painted something on it,” she said. “What does it say?”
“Anis del Toro. It’s a drink.”
“Could we try it?”
The man called “Listen” through the curtain. The woman came out from the bar. “Four reales.”
“We want two Anis del Toro.”
“With water?”
“Do you want it with water?”
“I don’t know,” the girl said. “Is it good with water?”
“It’s alright.”
“You want them with water?” asked the woman.
“Yes, with water.”
“It tastes like liquorice,” the girl said and put the glass down.
“That’s the way with with everything.”
“Yes,” said the girl. “Everything tastes of liquorice. Especially all the things you’ve waited so long for, like absinte.”
[...]

Para facilitar identificações e esclarecimentos, foram destacados em negrito as partes a serem comentadas na análise. São elementos que marcam diferenças observadas nas traduções.

O fragmento da primeira tradução utilizada para análise (doravante tradução 1) é de Enio Silveira e José J.Veiga (1997).

Tradução 1

[...]
A garota olhou **vagamente** para a **cortina**.
— Há alguma coisa pintada nela. O que é aquilo?
— Um anúncio do Anis del Toro, uma bebida.
— Vamos experimentá-lo?
— Por favor! – **disse o homem para a área acortinada**.
— São quatro **reales** – **informou a balconista**.
— Queremos dois Anis del Toro.
— Com água?
— **Você quer com água?** — **perguntou ele à moça**.
— **Quero**. — Tomou um pequeno trago, pousou o copo e comentou: — Engraçado, lembra alcaçuz.
— Acho que isso acontece com quase tudo.
— Sim — concordou ela. — Tudo fica com gosto de alcaçuz, especialmente aquelas coisas pelas quais ficamos esperando tanto tempo, como o absinto.
[...]

Na primeira frase, podemos observar duas questões: o acréscimo do advérbio de modo “vagamente”, e a subtração da especificação sobre a cortina. Em seguida, tem-se a questão da construção frasal que, em outras traduções, a mulher (que aqui é uma balconista) aparece

junto do primeiro diálogo quando o homem a chama, e aqui ela surge depois, talvez para indicar quem diz a fala seguinte, se diferenciando também do original. É importante ressaltar que é uma característica da escrita de Hemingway o uso de diálogos soltos, sem muitas marcações sobre quem diz o que, mas que, por algum motivo, foi modificado pelos tradutores.

Com relação às diferenças existentes entre as palavras *'beads'* e *'reales'*, é possível observar que a primeira não representa desafios para a tradução, já que semanticamente ela não apresenta muitas possibilidades e por não ser um elemento cultural, diferente da segunda palavra, que, por sua vez, é mais complexa por haver elementos culturais agindo na definição do termo.

Há também a questão da dúvida da moça que, no original, não sabe que a tal bebida fica bem ou não com água. Aqui, os tradutores optaram por retirar a dúvida da garota, subtraindo o que poderia ser interpretado por uma evidência da idade precoce da garota, por não ter experiência com bebidas, o que justificaria sua dúvida. O conto não nos dá a informação sobre a idade dos personagens, mas por sempre tratá-la por *'the girl'*, a garota, é possível inferir que se trata de uma jovem, talvez até adolescente. Com isso, podemos nos questionar sobre o impacto que o corte de um fragmento do original pode resultar na compreensão do texto, e as implicações éticas envolvidas em tal ato, além da dúvida sobre como o leitor fica sem tomar conhecimento sobre a escolha.

A segunda tradução é atribuída a Samuel Titan Jr. Ela estava publicada na página oficial do autor, mas, por algum motivo, não mais se encontra exposta em seu domínio, e por isso não há informações sobre sua data de publicação. No entanto, outros sites continuam a publicá-la com sua autoria, nos fornecendo via para análise do texto.

Tradução 2

[...]

A moça olhou para a **cortina de contas**.

“Pintaram alguma coisa em cima”, ela disse. “O que quer dizer?”

“Anís del Toro. É uma bebida.”

“Podemos provar?”

“Escute”, **o homem chamou pela cortina. A mulher veio do bar.**

“Quatro reales.”

“Queremos Anís del Toro.”

“Com água?”

“**Você quer com água?**”

“**Não sei**”, a moça disse. “**Fica bom com água?**”

“**Fica, sim.**”

“Vocês querem com água?”, perguntou a mulher.

“Sim, com água.”

“Tem gosto de alcaçuz”, a moça disse e baixou o copo.

“É sempre assim.”

“É”, disse a moça. “Tudo tem gosto de alcaçuz. Especialmente aquelas coisas que você esperou por muito tempo, que nem absinto.”

[...]

A primeira questão que se sobressai ao olharmos para esta tradução é a presença das aspas duplas para indicar diálogo, podendo causar estranhamento no leitor brasileiro. O padrão nacional de marcas de diálogos é o travessão, mas, por algum motivo, o tradutor optou pelas aspas, valendo-se da estrangeirização. Talvez essa tenha sido uma opção própria do tradutor com o intuito de se aproximar mais do original, mas também pode ter sido influenciado por fatores externos. Além disso, no primeiro segmento, por exemplo, percebemos que o tradutor optou em especificar o tipo de cortina que havia no bar. Já no

segundo segmento em negrito, tem-se diferenças na construção frasal, em relação às outras traduções analisadas. Nessa tradução, a mulher (dona/funcionária) do bar é descrita apenas como “mulher”, e aparece logo que o homem a chama. Nas outras traduções, como mencionado anteriormente, o mesmo não acontece.

A terceira tradução analisada, sendo anônima, foi publicada em 2015, e encontrada em um blog pessoal destinado a publicar e expor textos que o autor do blog aprecia.

Tradução 3

[...]

A rapariga olhou para a **cortina de missangas**.

— Pintaram ali alguma coisa — disse ela. — O que é que está escrito?

— Anis del Toro. É uma bebida.

— Podemos prová-la?

O homem chamou “Faz favor” através da cortina. A mulher saiu de dentro do bar.

— Quatro reales.

— Ele quer dois Anis del Toro.

— Com água?

— **Queres com água?**

— **Não sei — disse a rapariga. — Fica bem com água?**

— **Não fica mal.**

— Queres com água? — perguntou a mulher.

— Sim, com água.

— Sabe a alcaçuz — disse a rapariga e pousou o copo. — É assim com tudo.

— Sim — disse a rapariga — tudo sabe a alcaçuz. Especialmente as coisas por que esperamos por tanto tempo, como por exemplo o absinto.

[...]

Pela linguagem, percebemos que se trata de uma tradução portuguesa, mas para fins de análise comparativa sobre as possibilidades que um único texto pode proporcionar em uma tradução, resolveu-se trazê-la para o cotejo. Nessa, como na tradução anterior, a primeira questão que podemos perceber é a presença do travessão, marca de domesticação, que aproxima o leitor para o texto. Além disso, na primeira marcação em negrito, podemos ver a distinção sobre o tipo de cortina, de “missangas” — um termo até mais comum no português brasileiro do que “contas”, utilizado pelo primeiro tradutor. Depois há a construção frasal, em que aqui se desloca para um parágrafo inteiro, e o “por favor”, antes posto em um diálogo à parte, e aqui aparece como parte da narração. Em seguida, no final do questionamento da garota, há a resposta do homem que diz que a bebida “não fica mal” ao invés de fazer uma simples afirmação direta, como no caso da primeira tradução. Há também que se levar em consideração as questões linguísticas do português de Portugal, mas considera-se relevante para a análise como possibilidades e escolhas tradutórias.

Além de analisar as marcas enunciativas do processo tradutório que cada um desses tradutores desenvolveram, tendo consciência de que cada um teve fatores externos diferentes que os influenciaram, podemos também refletir sobre os impactos dessas mudanças para o leitor, e para a construção da voz do autor e do tradutor. Um único texto pode abrir caminhos diferentes que resultarão em traduções únicas — e com impactos diferentes. E, a partir disso, então, deve-se considerar as implicações éticas sobre as quais os tradutores desenvolveram seus trabalhos. Na tradução de Ênio Silveira e José J. Veiga (1997), por exemplo, temos uma tradução mais domesticada, e, no entanto, mais distante da obra de Hemingway, nos evidenciando o pacto que aquele tradutor estabeleceu foi mais direcionado ao seu leitor, do que ao original. Em contrapartida, fica a dúvida sobre onde se encontra o direito do leitor de

saber que o que está lendo não é o original, e sim a presença discursiva do tradutor quando o espaço para o tradutor se justificar não lhe foi cedido. Pois, como visto, a análise de um mesmo fragmento revela, inevitavelmente, a presença do tradutor e de suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução constrói cânones, literaturas, culturas e pode tanto levar o leitor até a cultura de origem, através da estrangeirização, quanto trazer a cultura de origem até o leitor, por meio da domesticação. Assim como a tradução pode auxiliar no desenvolvimento de literaturas e de sociedades, pode também silenciar uma cultura. Contudo, é preciso compreender que seus procedimentos podem acarretar impactos a médio e longo prazo.

O tradutor faz escolhas: resistir ou não ao estrangeiro, acolher ou não o outro. Essas escolhas que o tradutor precisa tomar dependem de fatores que, muitas vezes, podem estar externos ao processo da tradução. Tais escolhas direcionam e guiam o trabalho do tradutor. Como Santos e Torres afirmam, a tradução envolve negociações

entre línguas-culturas, em que o tradutor é o agente responsável pelo trabalho mediador que permite que os leitores de chegada tenham acesso ao texto de partida; ela é culturalmente etnocêntrica. (2012)

Dentro desse processo, entram as questões éticas ao qual o tradutor deve estar atento, embora, como vimos, nem sempre deve ser totalmente responsabilizado, pois apesar de a tradução ser um trabalho solitário, ao mesmo tempo, ela envolve diversas figuras que irão influenciar o seu resultado e intervir em sua ética. Como Oliveira afirma, há casos de conflitos de

interesses ou prioridades entre as várias instâncias, a serem detalhadas mais adiante, decisões terão de ser tomadas com base nos critérios pertinentes que, no entanto, podendo até se contradizer mutuamente. Caberá então ao indivíduo decidir quais critérios priorizar, ou mesmo estabelecer novos parâmetros, fazendo uso de sua autonomia de pensamento e ação como sujeito racional, mora e jurídico — sem com isso se desvincular da comunidade em que está inserido, até porque as decisões que tomar serão feitas sobre o pano de fundo de uma tradição herdada, com a qual terão de dialogar, podendo eventualmente vir a ser assimiladas e levar a uma (nova) regra geral dessa mesma comunidade. (2015, p.72)

Hoje em dia, há todo um sistema em volta do tradutor que influencia o seu processo de tradução. Por isso, é preciso estabelecer uma nova ética para os novos tempos em que vivemos. E o momento atual aponta para a autoria do tradutor. Não cabe mais defender a velha ideia de que a boa tradução é aquela que apaga a presença do tradutor. É preciso reforçar e conscientizar a sociedade sobre o papel e importância que esse indivíduo tem na construção da nossa sociedade, e percebê-lo como agente na formação da cultura e conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mona. Ethics of Renarration: Mona Baker Is Interviewed by Andrew Chesterman. *Cultus*, v.1, n.1, 2008, p. 10-33.

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. A morte do Autor. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BURKE, Seán. **The Ethics of Writing**: Authorship and Responsibility in Plato, Nietzsche, Levinas (and Derrida). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 436 p.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. São Paulo: Record, 2007.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. A Posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. **Translatio**, n. 3, 2012, Porto Alegre.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor, de Michel Foucault: duas traduções para o português. Org. Sônia Queiroz. Traduzido por Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. **FALE/UFMG**, Belo Horizonte, p. 49-80, 2011.
- HEMINGWAY, Ernest. **Contos**. vol 2. [tradução Enio Silveira e José J. Veiga]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HEMINGWAY, Ernest. **The Complete Short Stories Of Ernest Hemingway**: The Finca Vigia Edition. Scribner. 1998. 672p.
- HEMINGWAY, Ernest. **Colinas como Elefantes Brancos**. Disponível em: <<http://craniobatera.blogspot.com.br/2015/01/colinas-como-elefantes-brancos-ernest.html>> Acesso em 24 de Agosto de 2016.
- İÇÖZ, Nihan. **Considering Ethics in Translation**. Electronic Journal of Vocational Colleges. Okutman, Kırklareli Üniversitesi. December/Aralık 2012.
- NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Prentice HaH International vUIO Ltd. Hemstead. Hertfordshire, 1988.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. **Ética na Tradução**: Fruto de Posturas Estéticas e Políticas. UFJF, 2005.
- OLIVEIRA, Paulo. Tradução e Ética. In: AMORIN, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **Tradução e Perspectivas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. p. 71 – 97.
- PYM, Anthony. **Translational Ethics and Electronic Technologies**. Paper delivered to the VI Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa A Profissionalização do Tradutor, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, 11 November 2003.
- SANTOS, Giovana Bleyer F.; TORRES, Marie-Hélène C. Reflexões sobre uma ética na tradução. **Belas Infiéis**, v. 1, n. 1, p. 7-15, 2012.
- SILVA, Heber de O. **Tradução e Dialogismo**: Um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Editora da UFPE: 2011.
- TITAN, Samuel Jr. **Colinas como Elefantes Brancos**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/gabrielamorandini/files/2130/12075/7+Colinas+como+Elefantes+Brancos+-+Ernest+Hemingway+OK.pdf>> Acesso em 24 de Agosto de 2016.
- VENUTI, L. **The translator's invisibility**: a history of translation. London and New York: Routledge, 1995.